



A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE LITERATURA ENSINO FUNDAMENTAL

Leidiane Faustino Lima (autora)

Júlia Neves Gonçalves (coautora)

Tássia Tavares Oliveira (orientadora)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

leidiane.fl@hotmail.com

julianevedsc@hotmail.com

tassiatavares@gmail.com

RESUMO: A Literatura de Cordel enquanto socializadora de saberes possibilita ao professor de Língua Portuguesa muitos caminhos que levam ao conhecimento e a uma leitura prazerosa, dentre eles estão a criatividade, a musicalidade, a comicidade e a identificação com situações rotineiras, características estas que os folhetos têm de sobra. Dessa forma, o presente trabalho busca refletir sobre a experiência docente em Literatura desenvolvida como Estágio em uma escola pública do Ensino Fundamental localizada na cidade de Campina Grande – PB. Nossa proposta visa a analisar os resultados obtidos durante as aulas ministradas, buscando elencar pontos positivos e/ou negativos que contribuíram para uma auto-reflexão de nossos papéis enquanto professoras de Literatura, e por conseguinte de Língua Portuguesa. Tal perspectiva tem como bases os estudos de Vicent (2012) e Bragatto (1995), no tocante aos estudos literários no Ensino Fundamental e Abreu (1999), Sobrinho (1982) e Pinheiro (2007), em se tratando do estudo da Literatura de Cordel sob um viés sócio-histórico e pedagogizante. Os resultados finais comprovam que o cordel é um texto rico em possibilidades linguísticas e culturais que levam o aluno a crescer na sua capacidade interpretativa e aumenta a oportunidade de identificação deste público com a sua cultura local.

Palavras-chave: Estágio de Literatura, Literatura de Cordel, Ensino, Literatura Popular, Leitura.



INTRODUÇÃO

A experiência docente objeto deste trabalho trata-se de um curso piloto de Literatura destinado aos alunos do 7º ao 9º ano de uma escola pública de Campina Grande – PB como projeto do Estágio Supervisionado de Literatura Ensino Fundamental, sobre o gênero Cordel. Gênero este que particularmente dedicamos grande apreciação, e tem entre a personagem mais famosa: “João Grilo”.

João Grilo é uma personagem que habita o imaginário do folclore brasileiro, sobretudo na região nordeste, pois é representado, ou simplesmente mencionado, como é o caso da Literatura de Cordel, e da peça teatral de Ariano Suassuna adaptada para o cinema, *Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, além, dos causos e dos contos de tradição oral, que se perpetuam em rodas de conversas de compadres e comadres.

João Grilo assume todas as características de um anti-herói, pela descrição de suas características físicas, pois nasceu prematuro, pequeno, magro, sambudo, e desnutrido. Mas, em compensação João Grilo é infinitamente astuto. E sua esperteza é tamanha, que supera seu aspecto miúdo, convertendo sua fragilidade em força.

A escolha por trabalhar com a personagem “João Grilo” se deu por este constituir-se num clássico da *Literatura de Cordel*, que se destaca pela simplicidade e esperteza típica do povo nordestino. Conduzimos o estudo do gênero, fazendo um trabalho que privilegia o romance “*As Proezas de João Grilo*”, de João Ferreira de Lima, com o objetivo não somente do reconhecimento do texto como arte poética, favorecendo a aproximação dos alunos ao texto poético, bem como a identificação das estratégias utilizadas na condução da narrativa.

Nossa proposta foi analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos mais significativos do referido *cordel* que, de algum modo, interferem na construção dos sentidos do texto. Tomamos por diretriz a recepção e fruição do texto, a apreciação estética, a valorização dos elementos formais, culturais e linguísticos no que eles apresentam de estéticos e o desenvolvimento da habilidade de leitura oral. O cordel “*As proezas de João Grilo*” é de interesse ao ensino literatura, devido ao tema que favorece uma análise comparativa e debate sócio cultural rico e também por se tratar de uma narrativa em forma de poema, prestando-se, portanto, ao estudo da estrutura de um Cordel.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. O Ensino de Literatura

Entre instituições mais importantes responsáveis pela intermediação da criança com o livro, está a família e a escola.

No quadro da escola, quando se pensa no ensino de Literatura talvez venha em nossa mente formar o gosto dos nossos alunos, ajudar a apreciar obras literárias, mas, um objetivo desses é impossível. Segundo Vicent (2012) os estudos literários só podem ter validade se resultarem em algo útil para sociedade. Para isso, é preciso mostrar que ele enriquece nossa compreensão de mundo, esclarecendo sobre nossa realidade. A questão é a seguinte: como então ensinar Literatura?

De acordo com o que Bragatto (1995) sugere sobre a leitura literária no Ensino Fundamental, o professor deve se posicionar em favor do texto literário na conquista e formação do leitor e conseguir criar um ambiente propício para que o aluno se sinta a vontade e crie uma relação de afetividade com o livro. Para isso o primeiro passo é que o professor *goste de ler*. Demonstrar prazer e entusiasmo nos momentos de leitura, talvez funcione como incentivo para os alunos. O outro passo é o clima de liberdade que o professor cria para que o aluno se relacione com o livro, deixando-os abertos a suas escolhas e ter uma atitude de tolerância em relação aos livros escolhidos.

É importante que se transforme a sala de aula em sala de leitura. As leituras em sala de aula podem alternar-se em leituras individuais ou coletivas. Uma sugestão para essas leituras é partir de narrativas curtas, de trama e estilos menos densos e complexos para aquelas mais longas. Promover uma sala de leitura de textos literários é importante para suscitar a competência e a dinâmica além de contribuir para compreensão de diferentes visões de mundo, oportunidade de descobertas e reflexões.

Quanto ao método de avaliação dessas aulas de leitura de textos literários não necessariamente



precisa ser por controle rígido, por uma medida, por uma nota, mas num processo de leitura por prazer. Como a avaliação se faz necessária essa se pode ser feita por acompanhamento, observação, e prestando atenção na classe como um todo ou comparando desempenho individual ao longo de um tempo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) trazem discussões a cerca do Ensino de Língua Portuguesa e das tecnologias de comunicação. Modelos de escrita são aprendidos através da leitura, com a prática os alunos serão capazes de produzir textos com eficácia, se tornarão *escritores*. Entre as estratégias didáticas de leitura os PCN apontam para leitura *Leitura Colaborativa* em que o professor lê o texto com a classe e durante a leitura, questiona os vestígios linguísticos presentes no texto e como tais atribuem diversos sentidos possíveis. Sobre esse tipo de leitura os PCN explicam:

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos. (PCN, 1998, p. 45)

Então, para que se construa um senso ou uma compreensão crítica nos alunos é necessário estratégias de leitura, inclusive leitura com regularidade criando atitudes favoráveis dos alunos quanto à leitura. Usando de questionamentos para interpretação e de compreensão do texto.

Restringindo essa leitura para os textos literários, os PCN informam que tais textos se constituem como forma própria e que predomina a criatividade e a imaginação intencional, sendo assim outra fonte de apreensão do conhecimento. Para se trabalhar o texto literário, oral ou escrito, em sala de aula deve-se apresentar suas particularidades e usá-los com pretexto de se se trabalhar questões variadas desde valores morais a tópicos gramaticais.

Particularizando ainda mais essa leitura, o cordel está na seleção dos PCN como gênero para a prática da linguagem oral. Observamos então, um cumprimento do objetivo do documento de respeitar a diversidade regional, por incluir um gênero típico da região Nordeste. Sendo assim, de uma variedade imensa de temas para usarmos em sala de aula.



2. Literatura de Cordel: importância da leitura oral do poema

A leitura oral de poemas pode representar de início uma dificuldade tanto para o professor quanto para os alunos. Principalmente a poesia moderna por sua ausência de pontuação e de uma direção de leitura. Mas, como veremos, desde a sua origem, a representação do poema em voz alta é para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Nesse sentido a Literatura de Cordel facilita o aprendizado devido ao seu ritmo e da aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais dia a dia e por ser de uma linguagem próxima do cotidiano do aluno.

A leitura oral de cordéis possibilita também que os alunos percebam a beleza da cultura popular através da experiência concreta de leitura das mais variadas obras em vez de se apegar a modelos teóricos que futuramente são facilmente confrontados com outros estudos. No entanto, vale salientar que o próprio gênero cordel surgiu da modalidade oral.

Segundo Abreu (1999) remonta a formação da poesia Nordestina, a literatura de cordel possui um caráter fortemente oral tanto na composição quanto na transmissão. É comum as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas e disputas desde o século XIX e os últimos anos da década de 1920. Os cantadores em geral se agrupavam nas casas-grandes ou em residências urbanas organizando festejos para participarem de desafios (denominados *peleja*), ou cantar versos próprios ou alheios.

Surgem outras modalidades orais além das pelejas como o côco que segundo Sobrinho (1982) são cantados por participantes “em salões e terreiros ao som de zabumbas e ganzás. Nessa função cabe aos tiradores cantar a parte improvisada e os ajudantes cantam os estribilhos”.

O folheto impresso demorou a surgir porque esses poetas escreviam suas composições em tiras de papel ou em cadernos, mas não tinha a intenção de publicá-los como folhetos. No entanto, por volta de 1930 a publicação de folhetos passou a ganhar grande importância. Muitos desses poetas depois que conseguiram editar e vender seus folhetos passaram a se dedicar mais a produção

de seus versos e assim se originaram os cordéis que hoje temos acesso nos mais variados temas.

Pensando nessas modalidades orais da poesia popular e aproveitando os tão diversificados temas que são tratados nos folhetos, o cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para isso, é preciso lembrar que do mesmo modo que os cordéis nasceram na oralidade precisam também ter uma realização oral adequada. Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação enfraquecer sua recepção.

É preciso *dar a voz* ao folheto de cordel em sala de aula. Sobre essa metodologia de leitura Pinheiro (2007) nos sugere:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como literatura – e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula no parece bastante adequada para vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.
(PINHEIRO, 2007, 39)

A leitura oral então se faz necessária para criar um contato com o texto literário e não apenas com informações sobre o texto de literatura, contribuindo assim para um leitor reflexivo a partir da experiência.

3. CURSO PILOTO DE LITERATURA DE CORDEL

Para melhor organização desta sessão, dividimos a descrição da aula do curso piloto de duração de 4 horas, em momentos: apresentação e análise das xilogravuras; comparação de trechos dos folhetos com o filme; roda de leitura e momento final com embolada para descontração.

3.1 Momento 1: Apresentação e análise das xilogravuras

Em relação aos planos de aula, pautamos esse primeiro momento em uma leitura/análise das xilogravuras visto que a dupla estagiária anterior já havia trabalhado com a apresentação das xilogravuras como representação típica do cordel, optamos por uma exploração mais detida da



leitura das xilogravuras focando na interpretação das imagens a apresentação de um xilogravurista. O critério para escolha das xilogravuras foi de ser um número mais variado possível de autores e, imagens que representasse a região nordeste por suas coisas valiosas, como os violeiros, as festas populares e as brincadeiras. Por último selecionamos duas gravuras, ambas representando o personagem João Grilo para comparação entre a xilogravura e uma imagem comum.

Como pontapé inicial da aula indagamos o que as alunas haviam visto sobre xilogravuras na aula anterior e, expomos o vídeo do xilogravurista J. Borges. O áudio do vídeo soou um tanto prejudicado, então tivemos que explicar do que se tratava o vídeo. Pela recepção positiva das alunas inferimos que entenderam sem dificuldade o que foi exposto nesse momento quanto as xilogravuras. Pela falha técnica do som, percebemos um efeito negativo de se assegurar nos recurso tecnológico e que, cabe ao professor estar preparado para contornar na situação.

Para exploração das gravuras, visto que as selecionadas não puderam ser expostas devido a uma falha técnica, tentamos interpretar a xilogravura de João Grilo que estava impressa na Atividade 01 (ver anexo), com perguntas sobre os elementos presentes na imagem e como essas características contribuíram para construção do personagem. Quanto a atividade que exigia que as alunas descrevessem essas características discutidas percebemos certa dificuldade na realização. Ficou claro que a dificuldade se dava não por falta de entender o que pedia a questão, mas na articulação da resposta num texto.

3.1 Momento 2: Comparação de trechos dos folhetos com o filme

A obra “O auto da Compadecida” em peça foi escolhida para compararmos os textos-folheto, peça, filme- e perceber como o autor Ariano Suassuna reconta os episódios do folheto de uma maneira totalmente inovadora. Para compensar a não leitura de todos os cordéis utilizamos a obra encenada em filme, selecionamos as cenas do cordel que seria lido coletivamente que foram encenadas no filme.

Segundo relataram as alunas que já conheciam o filme e demonstraram por lembrar de cenas e personagens. Demonstraram uma reação de surpresa quando informamos que a obra surgiu a partir de folhetos da Literatura Popular. Sentimo-nos felizes por trazer informações novas as alunas e que sua recepção foi de admiração por saber que a literatura de cordel fazia parte de uma obra conhecida por elas desde antes mas, que não imaginavam a sua origem. Foi novidade para as alunas também que antes de ser filme a obra foi recontada em peça.

3.3 Momento 3: Roda de leitura

Separamos para explorar a questão social presente no cordel da leitura *As proezas de João Grilo* textos que dialogam com esse apelo social um cordel em áudio, que ao mesmo tempo também frisa o teor oral da literatura popular, do autor Antônio Francisco sobre a fome. Pensamos nesse momento em apresentar mais uma modalidade oral de um cordel, sendo a leitura feita pelo próprio autor.

Quando passamos para leitura do cordel *As proezas de João Grilo* o tempo já estava avançado, mas foi o momento que mais nos dedicamos a uma apreciação detida da obra e uma interpretação detalhada. Pensamos que as alunas poderiam achar extenso o cordel e se tornar enfadonha a leitura mas, para nossa surpresa em nenhum momento a leitura se tornou monótona, nem as alunas aborrecidas por continuarem lendo. Além de o gênero ser prazeroso de se ler, devido ao seu ritmo quase que musical, fizemos uma espécie de roda de leitura em que cada um lia uma estrofe do cordel.

Essa roda de leitura fez com que as alunas sentissem menos dificuldade na leitura, pois como sabemos a tarefa de ler em voz alta nem sempre é fácil. A leitura alternada exigia também que as alunas prestassem mais que a atenção para não perderem da leitura, nem do ritmo e nem serem surpreendida por ser sua vez de ler a estrofe seguinte. Durante a leitura percebemos que as alunas se divertiam com o teor humorístico do cordel e que havia por vezes uma identificação com as cenas



da narrativa, quando por exemplo, comentavam que a “mãe também usava essa mesma palavra” presente no cordel.

Continuando com a leitura percebemos que conseguimos atingir nosso objetivo principal, o de despertar nas alunas o apreço pelo cordel selecionado. Percebemos que a leitura do cordel cumpriu sua principal função social: a leitura por prazer. Embora a atividade trabalhada mais detalhadamente tenha sido apenas leitura, esta se mostrou proveitosa. Durante a leitura as duas alunas se mostraram participativas em expor o que entenderam da poesia. Além de se identificarem com o vocabulário da obra, de divertirem com as cenas da obra, e não demonstrar dificuldade de entender a leitura do texto bem como dos sentidos que o texto transmitia. Como as críticas sociais e a crítica a igreja presentes no folheto.

A nossa sensação ao término da aula é de que vale a pena investirmos na leitura oral em sala de aula. E que promover a leitura oral coletiva não pode nem deve ser encarada como perda de tempo, nem como forma de “encher linguiça” antes, se mostra como estratégia importante para a compreensão de diferentes visões de mundo e a criação de um sentimento de afetividade com os folhetos lidos. A leitura pode servir como incentivo para leitura de novos folhetos, novos textos e novas obras formando um aluno-leitor.

3.4 Momento final: embolada para descontrair

Por último, tentamos apresentar um gênero oral popular a *embolada*, descrevendo as características da modalidade, e selecionamos uma de suas apresentações pelos artistas populares Caju e Castanha com o tema “O rico e o pobre” que satiriza uma questão social num tom humorístico. Esse momento foi com o objetivo de descontração e nos rendeu boas risadas.



CONCLUSÃO

Com o presente trabalho disciplinar, vemos a importância da Literatura de Cordel como meio indispensável que possibilita o aluno a um diálogo mais livre com sua imaginação, gerando antecipações, expectativas e inferências no desenrolar da história ou a proposta de complementações do texto pelos autores. Comprovamos como trata-se de um texto rico em possibilidades linguísticas e culturais que levam o aluno a crescer na sua capacidade interpretativa e aumenta a oportunidade de identificação com a cultura local.

Quanto ao ensino de Literatura percebemos que com ênfase na leitura oral de textos, conseguimos aproximar os alunos ao texto literário. Comprovamos que uma das possibilidades de trabalho da literatura é a abordagem temática dos textos, que no nosso caso com a pobreza, possibilita a observação de peculiaridades relativas a visão de mundo.

Planejar e reger os alunos do Ensino Fundamental nesse curso piloto representou para nós um crescimento pessoal e profissional, uma vez que a sala de aula oferece ao professor e aos seus alunos, novos modos de agir, pensar seus valores, compromissos, opções, desejos e vontades.

Concluimos esse trabalho na certeza de afirmar que vemos a educação como peça indispensável para o crescimento moral e intelectual de todo homem. Assim, satisfazemos do desafio enfrentado, percebendo que sempre teremos que nos preparar para estarmos à frente de uma sala de aula, buscando encarar os pontos negativos, as dificuldades, e também, usufruir do prazer maior que tem todo professor, que é ensinar.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *História dos cordéis e folhetos*. Campinas. SP. Ed: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 73-108.
- ARRAES, Guel. *O Auto da Compadecida*. São Paulo: Globo Filmes, 2000.
- BARROS, Leandro Gomes de. *O dinheiro: o testamento do cachorro*. Timbaúba: Folheteria cordel, 2010.
- BARROS, Leandro Gomes de. *Uma viagem ao céu*. Timbaúba: Folheteria cordel, 2010.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRAGATO FILHO, Paulo. *Pela leitura literária na Escola de 1º grau*. São Paulo: Ática, 1995. pp. 85-92.
- CASTRO PINTO, José Manoel de e LOPES Maria do Céu Vieira. *Gramática do Português Moderno*. Plátano Editora, 2008, pp. 263-267
- LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. Campina Grande: Cordelaria Poeta Manoel Monteiro. S/d.
- MELO, Antônio Francisco Teixeira. *Os animais tem razão: para ouvir e pensar*. Ceará: CD+ - Nordeste digital Line S/A. [20??]. 1 disco compacto (47 min.). Digital Áudio. MR 1678. (Patrocínio Petrobrás).
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3.ed. ver. ampl. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINHEIRO, Hélder; NÓBREGA, Marta. (org.) *Literatura da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.
- VICENT, Jouve. *Por que estudar literatura?* Tradução de Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. p. 133-162.
- SOBRINHO, José Alves. *Glossário da poesia popular*. Campina Grande: Editel, 1982. p. 13-22.
- SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.
- SOMBRA, Fábio. *Proseando sobre Cordel*. Belo Horizonte – MG: Editora Lê

Anexo

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

Componente Curricular: Estágio de Literatura: Ensino Fundamental

Professora: Tássia Tavares

Professoras Estagiárias: Leidiane Faustino Lima

Júlia Neves Gonçalves

Aluno (a):

Série:

Atividade 01 -PRODUÇÃO TEXTUAL

Escolha uma das seguintes propostas de texto:

- 1) Produza um pequeno texto descrevendo como você imagina que seria a personagem “João Grilo” a partir da imagem abaixo.
- 2) Produza um pequeno texto contando algum episódio que você conhece da personagem João Grilo.

